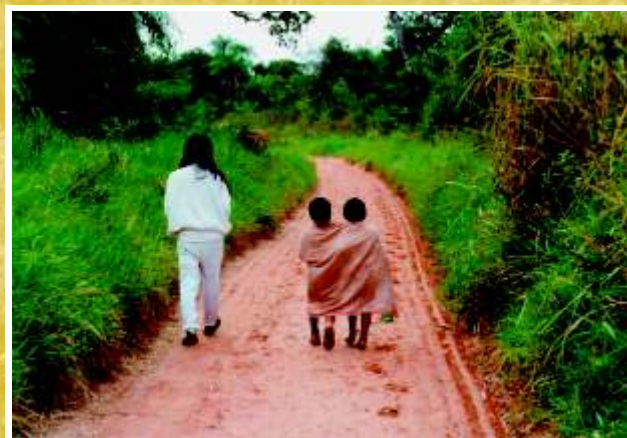




CAPI



SPSAJ



GUARANI RETÃ

2008



POVOS GUARANI NA FRONTEIRA
ARGENTINA, BRASIL e PARAGUAI

GUARANI RETÃ



POVOS GUARANI NA FRONTEIRA
ARGENTINA, BRASIL e PARAGUAI

1



APRESENTAÇÃO

1. Os Guarani são um povo?
 - 1.1. Uma cultura de múltiplas expressões
 - 1.2. As línguas guarani hoje
2. Em que crêem os Guarani?
 - 2.1. A história de Nossa Palavra
 - 2.2. Dar e receber
 3. A formação do território guarani
 - 3.1. O cerco aos Guarani Nhandeva e Kaiowá, em Mato Grosso do Sul: erva mate, gado, soja e cana-de-açúcar
 - 3.2. Erva mate, a primeira riqueza extraída do território indígena - década de 1880 a 1940
 - 3.3. O confronto com colonos e projetos agropecuários
 - 3.4. A presença do Serviço de Proteção aos Índios - SPI.
 - 3.5. Da soja à cana - agrava-se o confinamento
 - 3.6. As terras Kaiowá e Guarani no MS - etnocídio silencioso e luta incansável
 - 3.7. Do confinamento à violência e expulsão para as cidades
 4. Quantos são e onde vivem os Guarani
 5. Os Aché no Paraguái
 6. E amanhã? Nosso Futuro

1

1

1

1

1

1

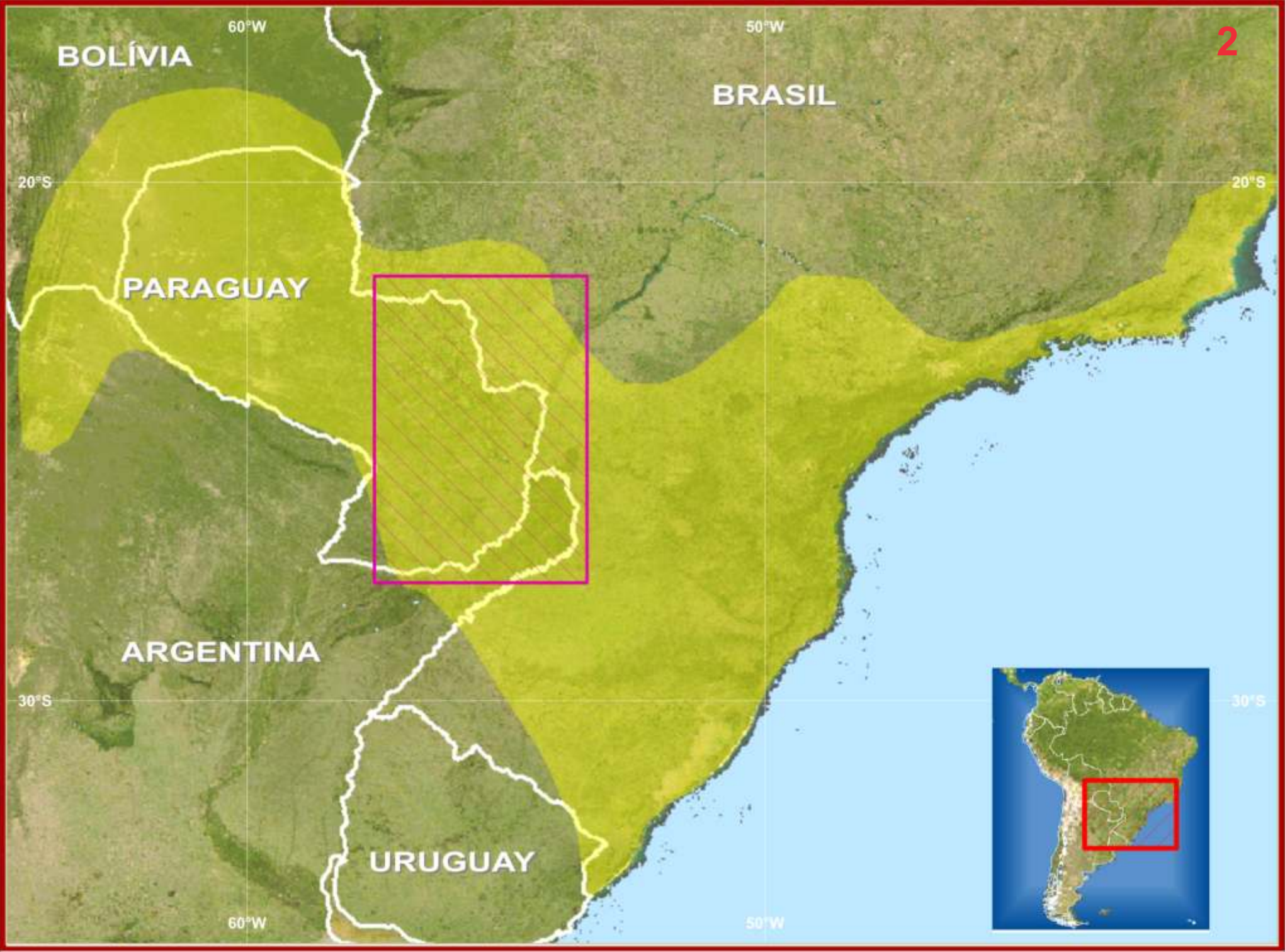
1

1

1

1

1



Apresentação

Esta publicação explica o mapa GUARANI RETÃ 2008 e é uma introdução ao mundo dos Guarani de hoje na região das fronteiras entre Brasil, Argentina e Paraguai. São cerca de 100.000 pessoas distribuídas em aproximadamente 500 aldeias e/ou comunidades nos três países. Incluindo os que habitam o litoral Atlântico no Brasil, a região do Chaco no Paraguai, o noroeste da Argentina e o leste da Bolívia, os Guarani constituem uma das populações indígenas de maior presença territorial no continente sul-americano. Este mapa mostra onde vivem, quantos são, como se denominam seus lugares e quais são as ameaças de destruição de seu espaço de vida.

Os Guarani vêm seu mundo como uma região de matas, campos e rios, como um território onde vivem segundo seu modo de ser e sua cultura milenar. Mas, o mapa mostra, também, os problemas que afetam os povos guarani. As cores do mapa indicam onde ainda existem as matas e onde quase não sobrou uma árvore sequer, devido às plantações de soja e cana-de-açúcar.

Convivemos com os Guarani em seu território, apesar de nem sempre em harmonia com eles. Estamos em território historicamente ocupado pelos Guarani; do território tradicional, que se estende por parte da Argentina, Paraguai, Bolívia e Brasil, os Guarani ocupam hoje apenas pequenas ilhas.

O mapa que apresentamos mostra onde estão os Guarani hoje. Suas aldeias e comunidades são muitas vezes pequenas, quase invisíveis, porém, ali estão, vivendo seu modo de vida próprio, sua economia, sua organização social e política, sua religião, sua língua. Mesmo com todas as transformações que ocorreram em seus sistemas sócio-político-econômicos seguem fazendo história e construindo seu futuro.



Os Guarani, são um povo?

São um povo sim: “povo é um conjunto de indivíduos que falam a mesma língua, têm costumes e hábitos idênticos, afinidade de interesses, uma história e tradições comuns” (Novo Aurélio, Sec XXI, 1999). Aqui tomamos a palavra povo como um “conjunto de pessoas que tem uma origem étnica comum”, que foram se diferenciando entre si no decorrer da história.

Os Guarani são conhecidos por distintos nomes: Chiripá, Kaingua, Monteses, Baticola, Apyteré, Tembeka, e outros. Porém, a denominação com que se designam a si mesmos é Avá, que significa, em guarani, “pessoa”.

Os Guarani, são iguais? Sim e não. Na atualidade continuam existindo na área deste mapa trinacional - Brasil, Paraguai, Argentina - quatro povos guarani, muito semelhantes nos aspectos fundamentais de sua cultura e organizações sócio-políticas, porém, diferentes no modo de falar a língua guarani, de praticar sua religião as diversas tecnologias que aplicam na relação com o meio ambiente. Tais diferenças, que podem ser consideradas pequenas do ponto de vista do observador, cumprem o papel de marcadores étnicos, distinguindo comunidades políticas exclusivas. Esses grupos reconhecem a origem e proximidade histórica, lingüística e cultural e, ao mesmo tempo, diferenciam-se entre si como forma de manter suas organizações sócio-políticas e econômicas.

Uma cultura de múltiplas expressões

Os Guarani que hoje vivem nesta região são:

Os Mbya

Os Pãi-Tavyterã, no Brasil conhecidos como Kaiowá,

Os Avá Guarani, no Brasil denominados Guarani ou Nandeva, e

Os Ache-Guayakí

Como se vê, os Guarani se denominam a si próprios com palavras que em sua língua significam que eles são verdadeiras e autênticas pessoas e têm consciência de serem gente e povo.

Quando da chegada dos espanhóis e portugueses a esta parte da América, por volta de 1500, os Guarani já formavam um conjunto de povos com a mesma origem, falavam um mesmo idioma, haviam desenvolvido um modo de ser que mantinha viva a memória de antigas tradições e se projetavam para o futuro,

praticando uma agricultura muito produtiva, que incluía milho, mandioca, batatas, feijão andu, amendoim, cará, abóboras e repolhos, bananas e ananás- abacaxi, de diferentes espécies, assim como outros cultivos. A agricultura dos Guarani gerava amplos excedentes que motivavam grandes festas e a distribuição dos produtos, conforme determinava a economia de reciprocidade.

Na realidade pode-se falar de um grande 'território guarani', e assim o viram os antigos conquistadores europeus e os colonos que os conheceram. Essa identidade se fundamenta num 'guarani reko', um modo de ser e proceder, com características próprias. Seu território, o solo que se pisa, é um tekoha, o lugar físico, o espaço geográfico onde os Guarani são o que são, onde se movem e onde existem.

Os jesuítas respeitaram em grande parte a unidade do território guarani, entre os rios Paranapanema, ao norte, o Rio da Prata ao sul, ao pé do monte andino, ao oeste e ao Atlântico, ao leste, fundando entre os séculos XVII e XVIII meia centena de povoações. Migrações e conflitos, através de uma longa história de milênios, produziram diferenças motivadas pelos vários lugares habitados, sua peculiar relação com outros povos indígenas e sua maneira histórica de integrar-se ao meio ambiente.

A economia da reciprocidade que adotaram se relaciona com os aspectos fundamentais de sua política e cultura. Os Guarani guardam tradições de tempos muito antigos. Delas conservam a memória que vão atualizando em seu cotidiano, através de seus mitos e rituais.

As línguas guarani hoje

A unidade de origem e a diversidade se traduzem também na língua. A língua guarani pertence à família lingüística Tupi-Guarani e apresenta uma grande unidade com variedades, que, por sua vez, podem ser consideradas línguas diferentes. Algo assim como o castelhano e o português. Durante a época colonial criou-se uma língua guarani comum, que é falada na atualidade por uns seis milhões de paraguaios. Na realidade, os quatro povos guarani falam outras variedades da língua guarani, nem sempre compreensíveis entre si e diferentes do guarani paraguaio moderno.





Em que crêem os Guarani?

A vida dos Guarani em todos os seus momentos importantes - concepção, nascimento, nomeação, iniciação, paternidade e maternidade velhice e morte - se baseia na 'palavra-alma' que cada pessoa recebe. O nome, ao nascer, é uma "palavra / alma" que estrutura o ser humano, a pessoa individual, inserindo-a no conjunto social de seres humanos e meio ambiente, ou seja, no mundo guarani.

*"Quando está por tomar assento um ser
que alegrará os adornados com plumas, às adornadas,
envia, pois, a nossa terra,
uma palavra boa que ali ponha o pé",
diz Nosso Pai Primeiro aos verdadeiros
Pais das palavras de seus próprios filhos.*

(León Cadogan, Ayvu Rapyta).

Os Pais das Palavras-Almas, desde seus respectivos céus, se comunicam, ordinariamente, através do sonho com aquele que será seu pai. E é a palavra sonhada que, comunicada à mulher, toma assento nela e começa a concepção do novo ser humano. A cultura guarani reconhece a necessidade das relações sexuais para a existência da gravidez, mas elas não são suficientes para assegurar a concepção. A criatura é enviada por Aqueles de Cima. "O pai a recebe em sonho, conta o sonho à mãe e esta fica grávida" (Egon Schaden, Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani, 1974, p. 108).

É o líder religioso que deve encontrar, mediante a inspiração e as longas orações, o nome da pessoa, segundo o lugar espiritual de onde vem. O nome é parte integrante da pessoa. Os Guarani não "se chamam" de tal ou qual maneira, eles "são" tal ou qual. Os Guarani acham ridículo que o sacerdote católico, por exemplo, tenha que perguntar aos pais o nome da criança, pois ele mesmo é quem deveria saber e dar a conhecer esse 'nome'. O nome é parte integrante da pessoa.

A doutrina da concepção do ser humano difere entre os grupos guarani, mas está sempre referida à descida da alma de origem divina que toma assento entre os seres humanos, renovando a relação entre deuses e homens.

A história de Nossa Palavra

A educação dos Guarani é uma educação da palavra e pela palavra, porém, não para aprender ou memorizar palavras já ditas, mas para escutar as palavras que receberá 'dos de Acima', geralmente através de sonhos. Os Guarani buscam a perfeição de seu ser na perfeição de seu 'dizer', de seu 'falar'.

Nas aldeias não pode faltar a "casa de reza", que adquire formas diferentes em cada um dos povos. Nessas casas e nos pátios abertos em sua frente é onde se desenvolvem a festa do milho novo, onde se canta e dança durante longas horas.

Com muita propriedade tem-se dito que "toda a vida mental dos Guarani converge para "O Além"... O seu ideal de cultura é de outra ordem; é a vivência mística da divindade, que não depende das qualidades éticas do indivíduo, mas da disposição espiritual de ouvir a voz da revelação. Essa atitude e esse ideal é que lhe determinam a personalidade" (SCHADEN, Egon, 1954. O estudo do índio brasileiro ontem e hoje, América Indígena, XIV, 3, p. 248-49).

A Palavra não é ensinada, nem aprendida humanamente. E, para muitos Guarani, resulta insensato e até provocador pretender ensinar às crianças na escola; aí está seu receio e às vezes seu enérgico rechaço à escola formal. A Palavra é um dom que se recebe dos de Acima e não é um conhecimento aprendido de um professor.

Dar e receber

Um aspecto importante da vida dos Guarani é a economia chamada de reciprocidade, mediante a qual se comunicam seus bens, dando e recebendo dons gratuitos. Os Guarani não são nômades nem vivem somente da caça, da coleta e da pesca. São agricultores, e bons agricultores, que produziam abundância de comida. Quando os europeus chegaram ao lugar que hoje é Assunção, no Paraguai, ficaram maravilhados com a "divina abundância" que encontraram.

Contatados pelos europeus, desde 1505, os Guarani manifestam uma grande unidade lingüística e cultural. Com muita propriedade lhes foi dado o nome de Guarani, como haviam sido conhecidos os do início do contato, no Rio da Prata, e como eles mesmos se distinguiam.

Viviam em aldeias de duas, três ou quatro casas grandes, onde habitavam mais de 100 pessoas. Podemos encontrar algumas dessas casas entre os Kaiowá e Pãi Tavyterã no Paraguai. Sua cerâmica era de notável beleza estética e sua arte plumária muito delicada e atrativa. Tudo isto desapareceu quase por completo.

O que segue muito presente é seu sistema de intercâmbio de produtos e coisas, que se rege pelo dom. Assegurada a subsistência familiar, tem-se ainda algo ou muito para dar. Este é o sentido da festa, do arete, o "dia verdadeiro". No verão, quando é abundante a colheita do milho, da mandioca e outros produtos, como a batata, o feijão e abóboras, são freqüentes as festas.

A festa guarani não é somente para o consumo de excedentes, é o motivo para renovar relações de amizade e de trabalho em comum. Sem festas a produção baixa, sensivelmente. A palavra jopói, comum a todos os povos guarani, significa abrir as mãos mutuamente. Esta é a lei fundamental da economia guarani, a lei da casa e das casas entre si.





A formação do território guarani

Guarani é um nome conhecido. No Paraguai, sobretudo, mas, também, no Brasil, na Argentina e na Bolívia. Atualmente, os Guarani seguem vivendo onde sempre viveram, apesar de inúmeras pressões, ameaças e mortes. Habitam desde dois mil anos atrás esse vasto território. Diversos grupos Guarani foram se estendendo por esta parte da América, mediante sucessivas migrações aliadas ao crescimento demográfico, que começaram há uns dois mil anos atrás e que continuam até a atualidade. No Brasil, nas últimas décadas, os Guarani têm migrado até o Pará, já na região amazônica. São povos que costumam se deslocar no seu território, no espaço geográfico, porém, não nômades ou sem residência fixa. São, de fato, bons agricultores e migram quando determinadas condições, problemas, assim o exigem.

São problemas, desde o ponto de vista dos Guarani, as terras esgotadas, que já não prestam para a agricultura, onde a própria paisagem se tornou desértica. Estar em meio a um campo sem árvores ou junto a extensas monoculturas de soja, pinheiros ou cana de açúcar, é um grande mal, é um deserto. A mata, a água e outros elementos do ambiente são espaços ocupados por uma série de seres espirituais, com os quais os Guarani necessitam interagir para reproduzir seu modo de vida.

Um dos maiores males que os Guarani têm que suportar é a invasão e destruição de sua terra, a ameaça contra seu modo de ser, a expulsão, a discriminação e o desprezo que vieram com a chegada dos "outros", dos colonos e dos fazendeiros e, mais recentemente, dos produtores de soja e de açúcar.

As fronteiras se converteram em linhas de separação que em poucos anos provocaram alguma fragmentação dos Guarani, até mesmo os de um mesmo grupo. Os Pãi Tavyterã, no Paraguai, são originalmente os mesmos que os Kaiowá, no Brasil, e, sem dúvida, as fronteiras políticas dos estados nacionais já têm provocado fortes diferenças culturais, políticas, religiosas e até lingüísticas. O mesmo sucedeu com os Avá Guarani e os Mbyá.

Na fronteira se construiu duas enormes represas: Itaipu, pelo Brasil e Paraguai, e Yacyretá-Apipé, pelo Paraguai e Argentina. Numerosas aldeias dos Mbyá e Avá Guarani, como se vê no mapa, foram inundadas e aos atingidos não se lhes restituiu terras adequadas ou suficientes. Esse abuso e injustiça repercutiram muito negativamente na vida dos Guarani. Apesar dos prejuízos provocados, planeja-se a construção de mais uma represa no mesmo rio Paraná, em Corpus.

O cerco aos Guarani Nhandeva e Kaiowá, em Mato Grosso do Sul: erva mate, gado, soja e cana-de-açúcar

No Brasil, a situação dos Guarani Nhandeva e dos Kaiowá sofre profundas alterações logo após a Guerra do Paraguai (entre 1864-1870) - ou Grande Guerra,

como é conhecida no Paraguai - após essa guerra inicia-se a ocupação sistemática do território guarani no sul do então Estado de Mato Grosso, por diversas frentes de exploração econômica. Podemos afirmar que a partir dessa data a história dos Guarani e Kaiowá nessa região vem fortemente marcada pelos rumos dessa exploração econômica: inicialmente, da erva-mate, a seguir a implantação dos projetos agropecuários e de colonização, a soja e correspondente mecanização, na década de 1970, e, finalmente, a cana-de-açúcar, a partir da década de 1980. Ao mesmo tempo em que viram suas terras de ocupação tradicional sendo transformadas e as matas derrubadas, os Guarani são percebidos pelos novos colonizadores como importante reserva de mão-de-obra nas diversas etapas dessa exploração regional.

Erva mate, a primeira riqueza extraída do território indígena - década de 1880 a 1940

Percebendo a grande quantidade de ervais nativos na região, Thomas Laranjeira solicitou do Governo Federal, em 1882, o arrendamento das terras no sul do então Estado de Mato Grosso para explorá-las. Para isso, fundou, em 1892, a Companhia Mate Laranjeira. A área de concessão para a exploração ervateira foi sendo sucessivamente ampliada, sempre com o apoio de políticos influentes, em Mato Grosso, como os Murtinho e Antônio Maria Coelho.

Com a República, as terras devolutas - aquelas que originalmente pertenciam à União - passaram para a responsabilidade dos Estados, o que favoreceu os interesses da Cia. Mate Laranjeira. Dessa forma, o Decreto nº 520, de 23/06/1890, ampliou os limites da posse da Cia. Mate Laranjeira e deu-lhe o monopólio na exploração da erva-mate em toda a região, que compreendia o território de ocupação tradicional dos Kaiowá e Guarani.

Embora a Companhia não questionasse a posse da terra ocupada pelos índios, nem fixasse colonos e desalojasse comunidades, definitivamente, das suas terras, essa atividade foi, contudo, responsável pelo deslocamento de inúmeras famílias e núcleos populacionais, tendo em vista a colheita da erva mate, e pela disseminação de várias doenças com grave impacto sobre a saúde dos índios.

Interferiu menos, ao que parece, na vida dos Kaiowá e Guarani do que iniciativas posteriores. Tampouco constituíram problema mais sério as primeiras fazendas de gado que no final do século XIX e início do século XX, que se instalaram nas regiões de campos entre Amambai, Ponta Porã e Bela Vista, pois, como já dito acima, os Kaiowá e Guarani localizavam suas aldeias, preferencialmente, nas regiões de matas. Assim, a maior parte dos estudiosos da história desse período consideram que os Kaiowá e Guarani seguiram dispendo dos espaços de suas aldeias no decorrer desse período de exploração da erva mate.





14

O confronto com colonos e projetos agropecuários

Em 1943, o então Presidente da República Getúlio Vargas criou em pleno território indígena a Colônia Agrícola Nacional de Dourados, CAND, que tinha como objetivo possibilitar o acesso à terra a milhares de famílias de colonos, migrantes de outras regiões do país. A criação dessa e de outras colônias agrícolas nacionais (CAN) situou-se dentro da política da "Marcha para o Oeste", buscando incorporar novas terras e aumentar a produção de alimentos e produtos primários necessários à industrialização a preços baixos. No caso havia, também, claro interesse em povoar a fronteira, onde a Cia. Mate Laranjeira mantinha forte presença. A CAND, criada pelo Decreto-lei no. 5.941, de 28 de outubro de 1943, abarcava uma área não inferior a 300 mil hectares, a ser retirada das terras da União no então Território Federal de Ponta Porã. A instalação dos colonos, em terras ocupadas pelos Kaiowá provocou problemas diversos e graves, pois questionou a presença indígena e impôs a sua transferência para outros espaços. A implantação da CAND alavanca, também, a ocupação agropecuária e a expansão da presença não-indígena e da infra-estrutura de serviços na região.

A partir da década de 1950 acentua-se a instalação de empreendimentos agropecuários nos demais espaços ocupados pelos Kaiowá e Guarani, ampliando o processo de desmatamento desse território. Número significativo de comunidades indígenas é obrigado a abandonar suas aldeias e deslocar-se para dentro de oito reservas de terra demarcadas pelo SPI (Serviço de Proteção ao Índio, antiga FUNAI), acentuando-se o confinamento das aldeias. A reserva impõe o controle político da população, submetida a uma série de práticas que tinham como objetivo principal a assimilação. Os Guarani e Kaiowá constituem-se então em importante contingente de mão-de-obra na formação dos empreendimentos agropecuários em diversas regiões, muitas vezes trabalhando na implantação de fazendas no espaço de suas antigas aldeias.

A presença do Serviço de Proteção aos Índios - SPI:

Entre os anos de 1915 e 1928, o Serviço de Proteção aos Índios, SPI, demarcou oito pequenas extensões de terra para usufruto dessa população indígena, perfazendo um total de 18.124 ha, com o objetivo de confinar os inúmeros núcleos populacionais guarani dispersos em amplo território no atual Estado de Mato Grosso do Sul. A demarcação dessas reservas constitui-se em importante estratégia governamental de liberação de terras para a colonização e conseqüente submissão da população indígena aos projetos de ocupação e exploração dos recursos naturais por frentes não-indígenas. Ignorou-se, na sua definição, os padrões indígenas de



15

relacionamento com o território e seus recursos naturais e, principalmente, a sua organização social. A partir da década de 1980, os Guarani e Kaiowá, com forte apoio de setores da sociedade civil, recuperam a posse de 11 terras de antigas aldeias, que juntas somam um total de 22.450 ha, hoje já devidamente demarcadas e de posse desses índios. Inúmeras outras comunidades que, também, perderam suas terras durante o processo de colonização, estão exigindo do governo o mesmo procedimento, apoiadas no texto da Constituição Federal de 1988.

Cabe destacar, no entanto, que a maior parte da população guarani e kaiowá, cerca de 80 % segue nas oito reservas demarcadas pelo SPI, nas quais há forte concentração dos serviços de saúde, educação e assistência oferecidos pelo governo. O caso mais grave diz respeito às terras indígenas de Dourados, Amambai e Caarapó - que juntas somam 9.498 hectares de terra e abrigam mais da metade do total de 40 mil Guarani e Kaiowá residentes no MS, permitindo compreender a extensão do confinamento imposto a essa população.

Da soja à cana - agrava-se o confinamento

A introdução da soja, a partir da década de 1970, junto com a ampla mecanização das atividades agrícolas, provocou o fim das aldeias refúgio nos fundos de fazendas, nas quais os Kaiowá e Guarani resistiam e encontravam melhores condições de reproduzirem seu sistema social. Comprometeu a biodiversidade, substituindo os restos de mata, capoeiras e campos pela monocultura da soja. Com a criação do Pró-álcool, tem início no Mato Grosso do Sul, no início da década de 1980, a indústria sucroalcooleira, com a instalação das primeiras usinas de produção de açúcar e álcool. Segundo informações (Jornal Campo Grande News, de 14 de maio de 2007), na primeira colheita de cana, no MS, em 1984/1985, teriam sido colhidos cerca de 2 milhões de toneladas. Gradativamente, a mão-de-obra indígena, disponibilizada em decorrência da crescente mecanização das demais atividades agrícolas e do acirramento do confinamento nas reservas, passa a ser direcionada para as usinas de produção de açúcar e álcool. Passam a ser freqüentes as denúncias de trabalho escravo e de superexploração dos trabalhadores indígenas e não-indígenas engajados nessa atividade. Nas usinas de produção de açúcar e álcool verifica-se total precariedade nas condições de trabalho e extrema exploração da mão-de-obra indígena. Percebe-se que o cultivo da cana não conseguia, ainda, livrar-se de sua principal característica colonial.

Entretanto, é necessário considerar que a manutenção de milhares de famílias indígenas se tornou cada vez mais dependente do trabalho assalariado nas usinas, o que coloca o desafio de encontrar outras formas de sustentabilidade econômica para as comunidades indígenas no Mato Grosso do Sul.





18



19

Da aldeia na mata ao confinamento nas reservas: as conseqüências da expansão econômica e conseqüente perda territorial.

O processo de perda territorial e conseqüente confinamento em espaços extremamente exíguos de um contingente populacional muito superior ao padrão historicamente conhecido pelos Kaiowá e Guarani impôs profundas limitações a sua economia, decorrente da inviabilização da itinerância, do 'oguatá', e do rápido esgotamento dos recursos naturais, importantes para a qualidade de vida numa aldeia kaiowá e guarani. A aldeia kaiowá e guarani era composta por um complexo de casas, roças e mata, que manteve, historicamente, características muito semelhantes, especialmente no que se refere à distribuição e organização sócio-econômica, política e religiosa. Esses núcleos familiares eram relativamente autônomos, caracterizando-se pela mobilidade que, ao mesmo tempo em que se constituía uma estratégia de manejo ambiental, evitando o esgotamento dos recursos naturais, era também importante recurso para a superação de eventuais conflitos e disputas políticas.

O confinamento em espaços exíguos trouxe o desafio de adequar a organização social dos Guarani e Kaiowá à nova situação marcada pela superpopulação numa mesma região, pela sobreposição de famílias e pelas transformações de ordem econômica. O confinamento na reserva resulta assim num processo que limita drasticamente as possibilidades de reprodução do sistema social indígena - o 'ava reko'. Este processo está na raiz dos principais problemas sociais e impasses vividos pela população kaiowá e guarani de hoje em MS.

As terras Kaiowá e Guarani no MS - etnocídio silencioso e luta incansável

Abordar a questão das terras Guarani e Kaiowá no Brasil é trazer a público a dramática situação desse povo: são menos de um hectare por pessoa, chegando a situações absurdas como na Terra Indígena Dourados, com mais de 12 mil pessoas em 3 mil e quinhentos hectares. Nesta "reserva" vivem mais de 40 grupos familiares distintos. Expulsos de outras aldeias foram obrigados a deslocar-se para essa área que, proporcionalmente, apresenta um dos maiores índices de violência, superiores a São Paulo e Rio de Janeiro.

Essas circunstâncias tiveram um impacto muito forte sobre as comunidades guarani e kaiowá e caracterizam-se como um processo de etnocídio lento e silencioso. Os Guarani, no entanto, seguem buscando novas forças e estratégias para sua sobrevivência.

Em 1978, um grupo de índios Kaiowá e Guarani, do Rancho Jacaré, da Companhia Mate Laranjeira, município de Laguna Caraapã, foi levado à força, com a participação

da Funai, para terra indígena Kadiwéu, na serra do Bodoquena, município de Porto Murtinho. Depois de um tempo no desterro, iniciaram uma longa e penosa volta à sua própria terra onde haviam sido expulsos. Foi um dramático retorno, com mortes pelo caminho, demonstrando claramente que preferiam morrer a ficar exilados. Infelizmente, propostas semelhantes de transferência dos Guarani para outras terras continua até hoje, no Mato Grosso do Sul.

Não demorou e outras aldeias iniciaram a retomada de suas terras de ocupação tradicional. Em 28 de outubro de 1983 foi feita a retomada da aldeia Pirakuá, município de Bela Vista, na fronteira com o Paraguai, onde permaneciam algumas famílias indígenas. Por apoiar decididamente a luta dos moradores dessa aldeia, Marçal Tupã'i foi assassinado, menos de um mês depois. E daí em diante a articulação e mobilização dos Kaiowá Guarani, com o apoio de aliados da sociedade civil, possibilitou o retorno a mais de uma dezena de territórios tradicionais. Hoje permanecem em aproximadamente 20 aldeias tradicionais retomadas a partir da década de oitenta. Porém, de várias delas foram retirados à força, com inúmeros mortos e feridos.

Nesse momento, mais de uma dezena de acampamentos indígenas seguem espalhados na beira das estradas. Em consequência desse processo de dispersão podemos constatar a presença de membros de uma família extensa em várias terras indígenas da região. Aguardam a oportunidade de retornar à terra onde nasceram, onde estão enterrados seus antepassados e onde está a base de sua cultura, visão de mundo e perspectiva de futuro.

A dramática situação das terras e a pressão exercida pelos Kaiowá e Guarani fizeram com que nos últimos quatro anos a Funai colocasse essa questão como prioridade em seu planejamento. O Ministério Público Federal, em atendimento das demandas dos índios, elaborou um Termo de Ajustamento de Conduta - TAC -, assinado entre a FUNAI, em nome do governo federal, e as lideranças indígenas, pelo qual o órgão indigenista assumiu o compromisso de identificar um total de 36 novas terras indígenas. O processo de identificação está em andamento e representa motivo de esperança para essa população.

A expulsão das comunidades é denominada pelos índios como "esparramo" ou "sarambi", entendido como um processo de dispersão e fragmentação que criou sérias dificuldades para a sua reprodução física e cultural. Por outro lado, o processo de reterritorialização, a partir do retorno para as suas antigas áreas, é compreendido como oportunidade de revigoramento do sistema social indígena, com a intensificação das práticas rituais e de outras formas de sociabilidade já quase em desuso nas reservas.





Do confinamento à violência e expulsão para as cidades

Nos relatórios de violência contra os povos indígenas no Brasil elaborado pelo Conselho Indigenista Missionário – CIMI - nos últimos anos é possível perceber a gravidade da situação dos Kaiowá e Guarani. Dos 92 assassinatos de indígenas, verificados no ano de 2007, 53 ocorreram entre os mesmos. As causas dessa violência são as mais diversas, desde a luta pela terra até conflitos internos. Porém, é incontestável que o principal motivo é a situação de confinamento e a falta de terra onde possam viver em paz.

Em função desse quadro de violência extrema em que se encontram os Guarani e Kaiowá em praticamente todas as terras indígenas, nas quais também cresce o comércio de álcool, drogas e a prostituição, muitas famílias têm migrado para outros espaços, especialmente para as cidades. Esse fenômeno de migração para as periferias das cidades da região tem se acentuado nos últimos anos. Hoje é possível identificar vários grupos familiares que vão se estabelecendo de maneira precária nas periferias urbanas. Essas migrações decorrem das difíceis condições de vida nas reservas kaiowá e guarani, nas quais falta espaço para produzir seus alimentos e das dificuldades em encontrar trabalho fora das reservas, a não ser nas usinas de cana de açúcar e álcool. Nelas trabalham, conforme o Ministério Público do Trabalho, mais de 13 mil indígenas.





Quantos são e como vivem os Guarani

Assim como os demais povos indígenas na América Latina, os povos Guarani encontram-se num processo de crescimento populacional. Altos níveis de fecundidade - número médio de filhos por mulher - aliados à queda - ainda que lenta - dos níveis de mortalidade estão sendo mantidos nos últimos 10 anos pelo menos. Na tabela abaixo seguem algumas estimativas sobre a população Guarani nos três países nos últimos 20 e poucos anos. Essas estimativas foram feitas com base em inúmeras fontes: governamentais e não governamentais dos três países.

Estimativas de população Guarani (todos os grupos)

	1981/1985	1996/2000	2001/2005
Brasil	20.000	38.000	45.787
Paraguay	17.000	25.000	42.870
Argentina	1.000	3.000	6.000
total	38.000	66.000	94.657

As taxas de fecundidade ou o número médio de filhos por mulher atual dos povos guarani deve estar em torno de 5 a 6, segundo as estimativas feitas pelo Censo dos Povos Indígenas do Paraguay em 2002, e segundo as estimativas feitas no Brasil a partir dos dados da FUNASA e dos Censos Demográficos. Com as taxas de mortalidade infantil ainda altas, embora em declínio, estimadas em 80 por mil nascidos vivos, a população guarani é extremamente jovem, com uma proporção de cerca de 45% de pessoas de 0 a 14 anos. Na tabela foram feitas estimativas da população total dos diferentes grupos Guarani para cada país. Essas estimativas no caso do Brasil são para toda a população Guarani, inclusive aquela que vive no litoral dos diferentes estados do sul e sudeste que não estão incluídas neste mapa.

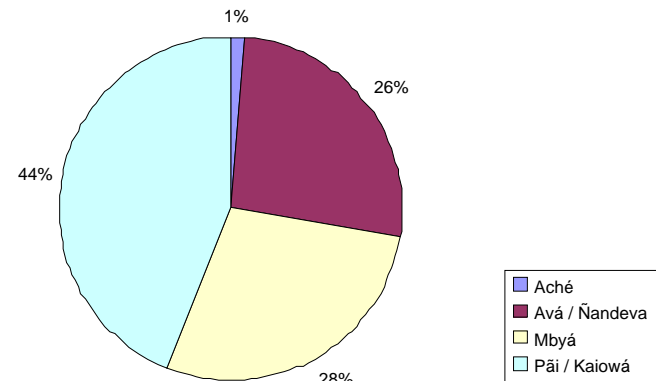
Neste mapa aparecem somente as comunidades guarani da região central, compreendida entre os rios Paraguai, Paraná e Uruguai. Não estão incluídos parte dos Mbyá e dos Avá Guarani que estão no Brasil, assim como os Guarani do Chaco paraguaio, no oriente da Bolívia e no norte da Argentina. É um mapa das

Povos Guarani*

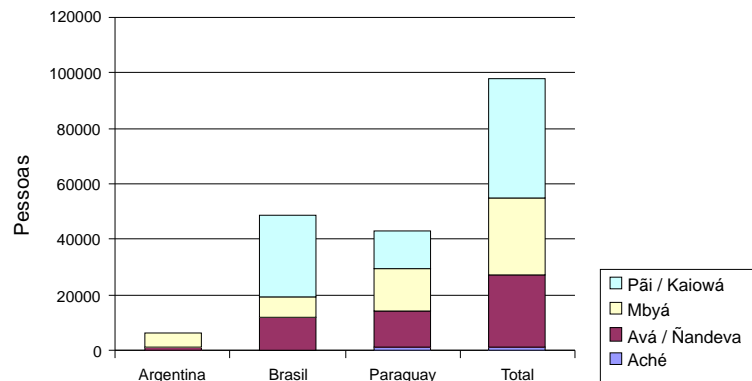
	Argentina	Brasil**	Paraguay	total
Mbyá	5.500	7.000	15.000	27.500
Ava-Guarani Ñandeva	1.000	13.000	13.200	27.200
Pãi Tavyterã Kaiowá	0	31.000	13.000	44.000
Aché	0	0	1.200	1.200
total	6.500	51.000	42.400	99.900

*A cifra não inclui a população urbana ** Em todo o Brasil

Distribuição étnica

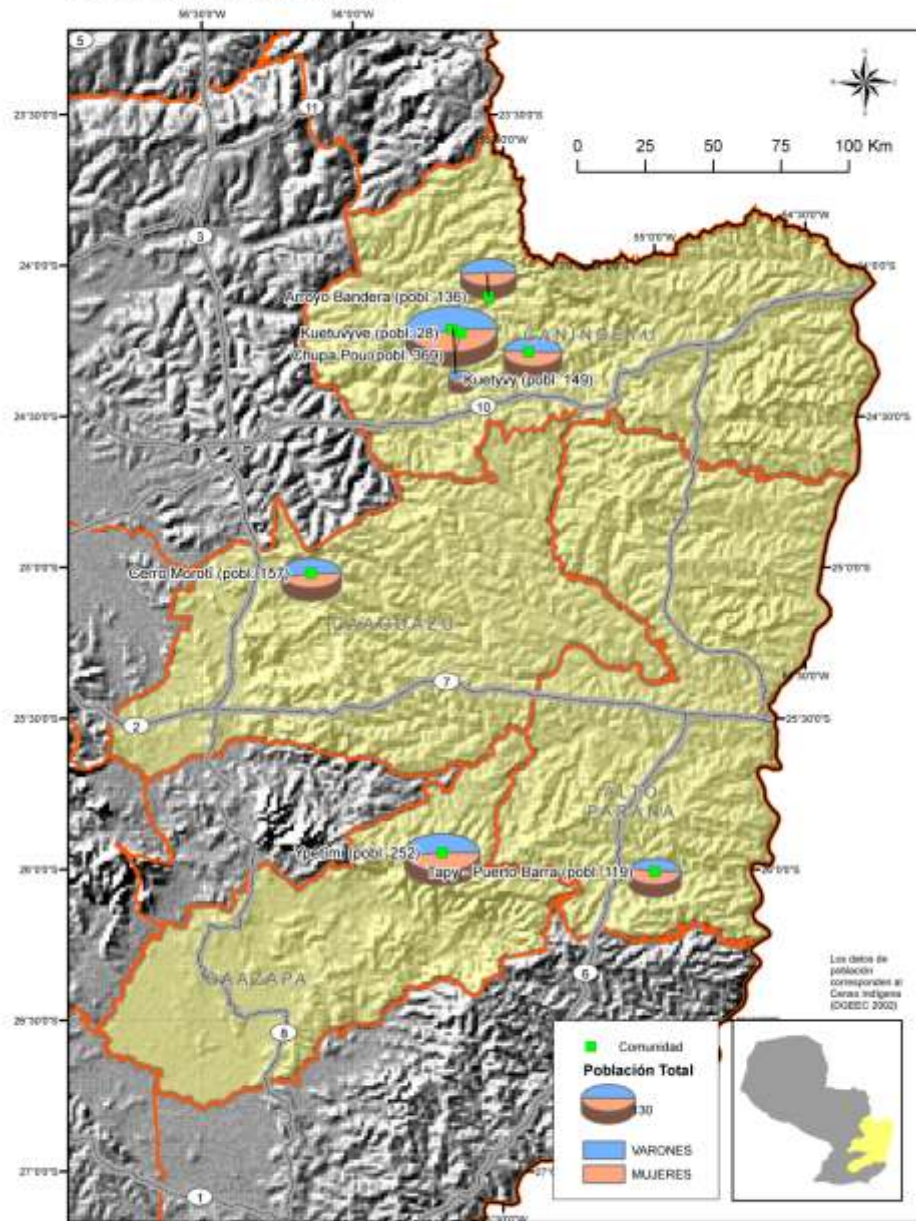


Distribuição por países



comunidades que se encontram num espaço transfronteiriço, caracterizado pela realidade política própria dos três Estados e das profundas transformações ecológicas que ali se passam

Comunidades de la Etnia Ache



25

Os Ache

Entre os Guarani estão também os Ache - as pessoas - chamados impropriamente de Guajaki. Sua existência era conhecida desde o século XVII. Coletores de mel e caçadores ocupavam as matas do centro do Paraguai oriental. Foi somente a partir da década de 1950 que ocorreu realmente o contato, numa época em que foram perseguidos e massacrados pelos camponeses e colonos vizinhos pelo fato de serem considerados como animais sem cultura e religião. As crianças, deixadas pelos pais, mortos ou fugidos, eram em regra vendidas como pequenos escravos para tarefas domésticas. Um verdadeiro genocídio! Leon Cadogan, desde 1959 denunciou essa situação, mas os massacres e capturas continuaram até pelo menos 1976. Aos poucos foram sendo concentrados em reservas e colônias onde muitos sucumbiram às doenças e a tristeza de se sentirem mortos em vida. Essa realidade foi denunciada perante diversos organismos internacionais, mas o governo ditatorial de então tentou negar o genocídio.

Atualmente eles estão em seis aldeias, conforme consta no mapa.

Os Ache tiveram que enfrentar uma nova vida e hoje buscam fortalecer sua identidade, cultura e religião, enquanto lutam para recuperar pelo menos uma parte de seu território tradicional.



26



27



28



E amanhã? Nosso Futuro

Os Guarani diante da encruzilhada colonial seguiram rumos diferentes: integraram a sociedade paraguaia, na qual seguiram falando guarani, ao mesmo tempo em que deixaram de ser indígenas. Outros seguiram mantendo uma distinção de identidade com relação aos colonizadores. Para esses últimos, recentemente, as matas desapareceram, restando-lhes cada vez mais como fonte de recursos o trabalho assalariado e programas de ajuda externos. A terra nas reservas está em rápido processo de deterioração. É difícil manter a ecologia guarani nos pequenos refúgios que lhes restam. É certo que a pressão do sistema colonial não é de agora e os Guarani têm resistido durante séculos.

No entanto, parece hoje que a situação dos Guarani se agrava. Como nunca antes diversas religiões de caráter fundamentalista se instalam nas aldeias guarani. Os suicídios em algumas delas, sobretudo no Brasil, têm alcançado cifras alarmantes. Com profunda tristeza e grande sagacidade, um Guarani, diante desses fatos, concluiu que "não existe (mais) caminho para a Palavra".

No caso dos Kaiowá e Guarani do Brasil eles convivem em uma região



amplamente explorada pela agroindústria moderna e sem espaço para seguirem reproduzindo suas comunidades de acordo com seus padrões culturais. São coagidos a viver em reservas superpovoadas e a buscar o sustento no trabalho assalariado nas usinas de processamento da cana-de-açúcar e álcool. Podemos ver grandes ameaças para o futuro, não somente dos Guarani, mas sim de todos nós, porque diante da destruição massiva do meio ambiente e da exclusão econômica de tantos brasileiros, pode-se afirmar que "todos somos Guarani", e, também, estamos ameaçados pelo neocolonialismo que traz pobreza e destruição.

Mas, tanto os Aché como os Guarani vêm buscando superar o caráter desagregador e debilitante dos modos de viver individualistas, introduzidos nos últimos anos, especialmente pelas religiões, e afirmam cada vez mais seus direitos coletivos sobre seu "patrimônio cultural, intelectual, bio-genético, territorial e ambiental", como relatam os estatutos da Federação Nativa Aché do Paraguai.

Apoiando os Guarani e participando com eles em sua luta por um espaço de vida, na defesa de seus direitos, em especial contra a destruição da natureza, estamos fortalecendo nosso próprio futuro.





35

Oga Ava 08. Fil.



36

Para saber más:

- BRAND, Antonio. 1997. O impacto da perda da terra sobre a tradição kaiowá/guarani: os difíceis caminhos da Palavra, Tesis de doctorado, História da PUC/RS. Disponible en: www.neppi.org
- _____. 1993. O confinamento e o seu impacto sobre os Pãi/Kaiowá. Disertación de Mestrado em Historia / Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Disponible en: www.neppi.org
- CADOGAN, León. 1992. Ayvu Rapyta. Textos míticos de los Mbyá Guaraní del Guairá. Edición corregida y aumentada. Asunción: CEPAG.
- COLMAN, Rosa Sebastiana. 2007. Território e Sustentabilidade: Os Guarani e Kaiowá de Yvy Katu. Disertación de Mestrado. Programa de Mestrado em Desenvolvimento Local/UCDB, Campo Grande. 178 p. Disponible en: www.neppi.org
- CHAMORRO, Graciela. 1995. Kurusu Ñe'ngatu: palavras que la história no podría olvidar. Asunción: Centro de Estudios Antropológicos/Instituto Ecumênico de Posgrado/ COMIN.
- GRÜNBERG, Friedl Paz. 2002. Reflexões sobre a situação dos guarani no Mato Grosso do Sul, Brasil. Disponível em: www.guarani.roguata.com
- IWGIA. 2008. Los Aché del Paraguay: Discusión de un genocidio. Copenhague. 286p.
- LADEIRA, Maria Inês. 2008. Espaço Geográfico Guarani-Mbya - significado, constituição e uso. 1. ed. São Paulo e Maringá: EDUSP e EDUEM. v. 1. 228 p.
- _____. 2007. O caminhar sob a luz. 1. ed. São Paulo: EDUNESP. v. 1. 200 p.
- LEHNER, Beate. 2002. Territorialidad Guarani, MS. Asunción, Disponible en: www.guarani.roguata.com.
- MELIÀ, Bartomeu, GRÜNBERG, Georg. y Friedl. 1976. Los Pãi Tavyterã: etnografía guaraní del Paraguay contemporáneo. 2ª edición. Asunción, 2008.
- MELIÀ, Bartomeu, Marcos V. d'A Saul y V. Muraro. 1987. O guarani; uma bibliografia etnológica. Santo Angelo, FUNDAMES. (Es una bibliografía general comentada desde las primeras referencias a los Guarani).
- MELIÀ, Bartomeu. 1995. El Guarani; experiencia religiosa. Asunción, CEADUC-CEPAG, 1991.
- MÜLLER, Franz. 1989. Etnografía de los Guarani del Alto Paraná. Rosario-Argentina. Publicado en alemán, en 1934-35.
- MURA, Fabio. 2006. À procura do "bom viver": território, tradição de conhecimento e ecologia doméstica entre os Kaiowa. Tesis de doctorado presentada al PPGAS/MUSEU NACIONAL/UFRJ.
- NIMUENDAJU, Curt (Unkel) /1914/1987 As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani. São Paulo: HUCITEC; Editora da Universidade de São Paulo.
- PEREIRA, Levi M. 2007. Mobilidade e processos de territorialização entre os Kaiowá atuais. In: Revista eletrônica de História em Reflexão: Vol. 1, n.1 – UFGD – Dourados Jun/Jul. <http://www.ufgd.edu.br/> \n_blankwww.ufgd.edu.br.

_____. 2004. Imagens Kaiowá do sistema social e seu entorno. São Paulo, USP. (Tesis de doctorado).

SCHADEN, Egon. 1974. Aspectos fundamentais da cultura guaraní. 3a ed. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo.

_____. 1954. O estudo do índio brasileiro ontem e hoje, América Indígena, XIV, 3:233-252. México.

THOMAZ DE ALMEIDA, Rubem F. 1991. O projeto Kaiowa-Ñandeva: uma experiência de etnodesenvolvimento junto aos Guarani-Kaiowa e Guarani-Ñandeva contemporâneos do Mato Grosso do Sul. Disertación de mestrado presentada al PPGAS/Museu Nacional/ UFRJ.

VIETTA, Kátya. 2007. Histórias sobre Terras e Xamãs Kaiowá: Territorialidade e Organização Social na Perspectiva dos Kaiowá de Panambizinho (Dourados, MS) após 170 anos de exploração e povoamento não indígena da faixa de fronteira entre o Brasil e o Paraguai. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/Universidade de São Paulo, São Paulo. (Tesis de doctorado).

Páginas en la WEB

CTI - Centro de Trabalho Indigenista
<http://www.trabalhoindigenista.org.br>

ISA - Instituto Sócio Ambiental
http://www.socioambiental.org/pib/portugues/quonqua/verbetes_guarani.sht/
www.socioambiental.org

CIMI - Conselho Indigenista Missionário
<http://www.cimi.org.br/>
<http://www.campanhagarani.org.br/>

<http://www.guarani.roguata.com/> www.guarani.roguata.com

Survival - <http://www.survival.es/> www.survival.es

CPI/SP - Comissão Pró-Índio/São Paulo <http://www.cpis.org.br>

NEPPI - Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Populações Indígenas <http://www.neppi.org>



37



38



*Coordenador geral do Mapa 2008:
Georg Grünberg*

*Editor:
Bartomeu Melià*

*Autores:
Marta Azevedo, Antonio Brand, Egon Heck, Levi Marques Pereira, Bartomeu Melià*

*Fotos:
Josep M^a Blanch, Friedl Grünberg, Bartomeu Melià, Jorge Servín, Filemón Torres*

*Mapas:
Alicia Rolla, Alexandre Degan, Wolfgang Grünberg*

*Desenho e diagramação:
Vera Feitosa y Alfredo Queiroz*

*Realização:
UNaM, ENDEPA; CTI, CIMI, ISA, UFGD; CEPAG, CONAPI, SAI, GAT, SPSAJ, CAPI*

*Colaboração:
AECID, CAFOD, EED, Brot für di Welt (Pão para o Mundo), UNICEF*

